



arcada

2023
literatura brocada



CORTIÇO CAPIVARA
Júlio Custódio

O livro

Caso você se acostume com o sotaque das esquinas, ouvirá ao fundo os ecos de um período mágico de Cuiabá; e todo o terror subsequente. São rumores escondidos em relatos sempre ligados à lendária corporação — Cortiço Capivara — cuja queda teria dividido em duas partes a história da região. Apesar dos nativos não falarem abertamente sobre o tema, foi possível resgatar algumas narrativas da tradição oral, outras foram restauradas de documentos, entrevistas, cartas e cultos. Não me pareceu correto amansar o linguajar ou as intenções. Nenhum nome ou local foi preservado. A ordem apresentada no livro, segundo investigação *in loco*, segue a cronologia dos eventos.

Trecho

Nunca fui medrosa, mas todos os meus sentidos agora pedem alerta. A única coisa reconhecível na cidade é o calor, embora até isso esteja pior. Tento abrir o guarda-chuva para me guardar do sol, mas está emperrado. Largo-o na rua. Além de quente, a segunda-feira acordou muda e acuada. Saí cedo para ter certeza e, mesmo depois de horas, me recuso a acreditar. Os indícios, porém, estão por toda parte. Não há ninguém nas ruas, parece que a cidade inteira entrou em greve e até a rede telefônica vai e volta. Tão inacreditável quanto o eterno Império Inca em ruínas, o Cortiço Capivara desmoronou em um único final de semana. Que isso sirva de alerta a todos aqueles que, como eu, desistiram da revolução.

Autor

Júlio Custódio, mineiro de 1983, migrou para Cuiabá jovem, onde trabalhou com música, computador e filosofia. Lançou o primeiro livro de poesia em 2018 (Arcada). Cortiço Capivara é sua inauguração no mundo dos contos.



FIBONACCI 5
Danilo Fochesatto

O livro

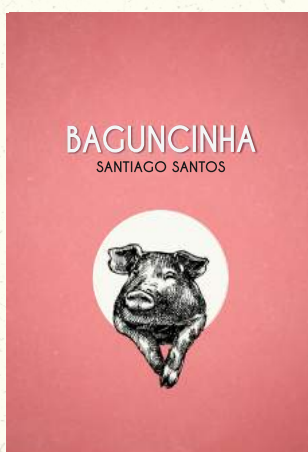
Um matemático planeja destruir o mundo e para isso constrói uma bomba de reação retroalimentada. Mas quando seus planos colidem com um levante indígena, ele começa a rever sua vida em busca das justificativas para acabar com tudo. Fibonacci 5 é um livro sobre o tempo, e como coisas maravilhosas surgem quando simples atos se repetem infinitamente.

Trecho

Fomos do universal ao eu em esquizofrenia cósmica. Por essas e outras, vou pôr termo à troca de experiências, um basta à aprendizagem significativa. Nunca mais salva de palmas e vaias — nem contra, nem a favor. Nunca mais sopa primordial, capacidade de aglutinar, dividir e multiplicar. Chega de armazenar e preservar. Chega de Nobel disto, Nobel daquilo. É o fim das revoluções deste, das contrarrevoluções daquele. O fim do como é, do como foi, do como tem parecido ser e do como ainda será. Os tempos passados não serão sequer passatempos. Quem deixa rastro é bomba. Eu, o ponto de inflexão.

Autor

Danilo Fochesatto nasceu em Cuiabá, em 1983. É autor de *Sito* (A Fábrica, 2007) e *Lá*, onde uma porta jamais parou de bater (Arcada, 2018). Fibonacci 5 é seu primeiro romance.



BAGUNCINHA
Santiago Santos

O livro

Narrativas curtas, minicontos, ficções breves, ficções relâmpago: Baguncinha é um apanhado de 40 desses contos enxutos que Santiago Santos publicou ao longo dos anos no flashfiction.com.br. Os temperos variam: uma cabeça que prevê os nomes dos mortos, um pirata que negocia seus últimos dias, um detetive sobrenatural resolvendo perrengues no interior mato-grossense, a árvore genealógica de um açougue, famílias assombradas pela saudade, um gerente de hotel sistemático e nada humano, um tubarão de rio de estimação, o mercado imobiliário espiritual e suas negociatas, futuros distópicos a rodo, fatias duma Cuiabá contemporânea... Costurando gêneros, formatos, vozes narrativas e ambientações diversas, Baguncinha abre o mapa dum microcosmo literário radioativo e percorre suas vielas.

Trecho

— Rógevaldo, leva essa Brahma lá fora.

— Claro, dona Deva.

Róge pega pelo pescoço o vidro embranquecido. Desvia das mesas do salão do bar e abre a porta de tela. Na varanda, o desconhecido empinando a cadeira nos pés traseiros, pernas cruzadas sobre a cerca de madeira, cigarro enfiado nos dedos do braço caído ao lado do corpo, camisa aberta e o pelo do peito pulando pro alto, calça manchada de óleo, ou graxa, ou barro, botas apontando pro céu molhado e pra goteirona que se atira duma telha lascada, formando um lago sonoro no chão de terra, terra ensopada até os carros mais adiante, reluzindo sob o poste, os olhinhos dum gato debaixo do carro mais próximo, o motor ainda quente.

— Aqui, senhor.

Autor

Santiago Santos é escritor, preparador de texto e tradutor. Publicou *Algazarra* (Patuá, 2018), coletânea de minicontos, *Na eternidade sempre é domingo* (2016), uma road trip inca, e *Hei, hou, Borunga chegou*, uma noveleta sobre piratas espaciais (Mafagafo, 2020). Vive em Cuiabá, onde toma tereré o dia todo.



LORDE BOSTA
Lorenzo Falcão

O livro

quase morrendo ao longo da minha existência inteira, eis que pinta um outro acidente: “lorde bosta”. são setenta e dois poemas escritos entre 2018 e 2023, a maior parte no período pandêmico, presentes aqui. um novo livro, parido em trabalho coletivo. o título é muito mais sinceridade do que pejorativo. me chegou ainda na adolescência, tempos em que me achava o tal pela literatura já tão presente em minha vida, numa conversa com meu irmão. de forma provocativa, disse-me que eu parecia um lorde. “lorde bosta”, sugeri...

Trecho

catar coquinho

ando aprendendo bastante sobre catar coquinho no asfalto, desde que minha bocaiuveira começou a dar frutos.

coquinhos despencam do céu caindo no telhado e depois rolam pelo chão até quase o asfalto da rua.

um som peculiar no meu lar suburbano. que tenho ouvido no entra e sai dos anos.

assim, e somente assim, poderei escrever minha tese em torno da poética dessa metáfora: catar coquinho.

Autor

Lorenzo Falcão (de Jesus Miranda) é natural de Niterói (RJ), mas está radicado em Cuiabá desde 1978. De forma autodidata, adentrou-se nas letras através do jornalismo cultural e da literatura, acumulando também experiências com teatro, cinema e música. Já atuou como jornalista nos principais veículos de comunicação de Cuiabá e, desde 2010, é o responsável pelo site com viés cultural tyrannusmelancholicus.com.br. É poeta, prosador e crônico, e membro da Academia Matogrossense de Letras desde 2018. Publicou os livros de contos *Motel Sorriso* (2002) e *Duplex: concurso interno de contos* (2018, este em parceria com sua saudosa esposa Fátima Sonoda), a revista independente de poesia *dIFERENTE* (2005) e os livros de poemas *mundo cerrado* (2011), distribuidora *falcão - versos no atacado e varejo* (2018, Arcada) e *Abobrinha* (2021).



ONÇOMEM
Rodrigo Maciel Meloni

O livro

Combinando fatos e personagens fictícios, *Onçomem* é uma quase biografia. Saracoteando com tal gênero literário que desbrava o passado, o livro desnuda as nuances de personas que povoam um imaginário lúdico e ancestral. Nesta pseudoficção, memórias e experiências tomam corpo numa narrativa que entrelaça a escrita tradicional a devaneios oníricos. Por vezes cronológico, por vezes guiado por determinados temas, a trajetória do livro e das figuras que nele habitam também proporciona ao leitor passear por poesias decaídas e pobres em rima, mas ricas em arrogância. *Onçomem* brinca com o que é verdade e o que não é, acima de tudo, e embarça os limites entre a realidade e sua miríade de potencialidades.

Trecho

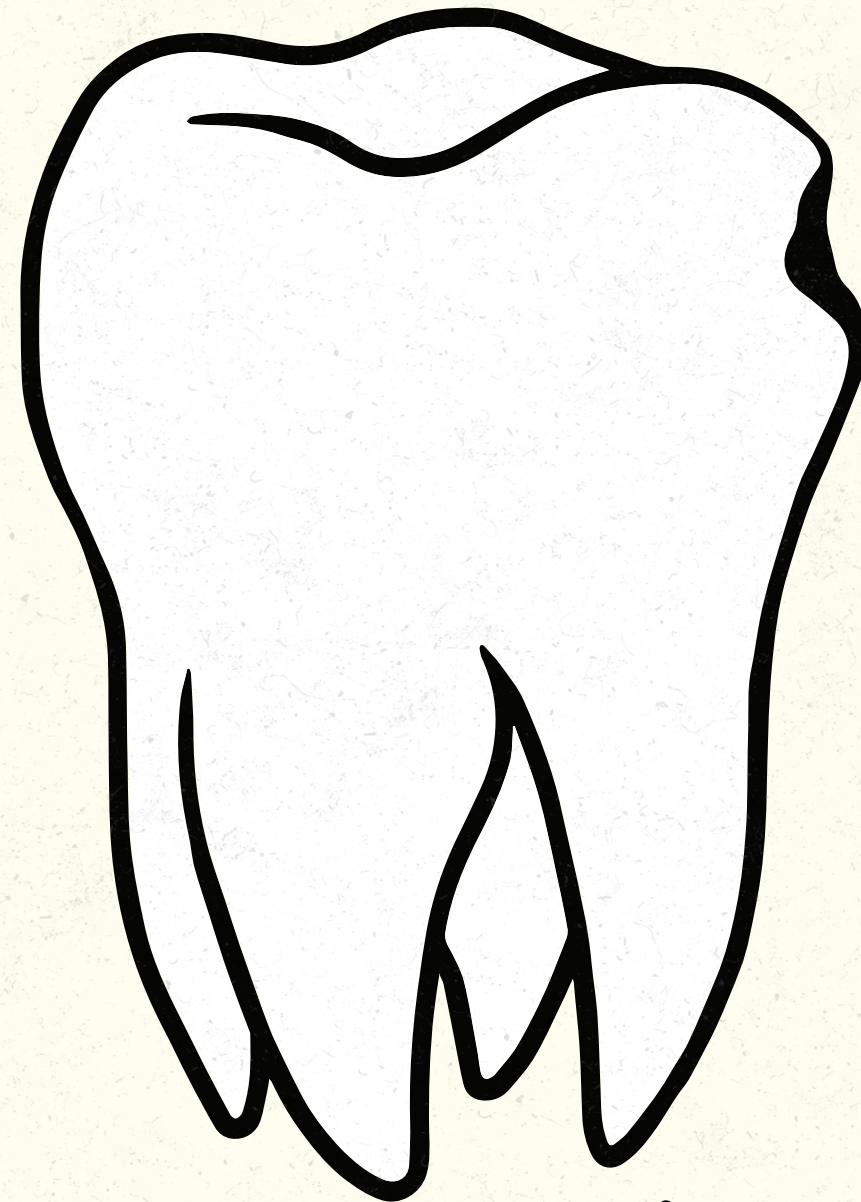
Do lado direito, a casa amarela de dona Parcovina, um apanhado de tijolos carente de muros, mas com o gramado sempre aparado, rente ao resto da vegetação habitual do cerrado que ali jazia: formas campestres, como os campos limpos que habitam a vista dos otimistas, e formações florestais densas, como os cerradões, entrelaçavam-se e formavam uma microfloreza, que se arrojava em defesa dos fundos. De vez em vez, quando sozinho, parava para passar o olho na paisagem. Encantavam-me as árvores “de cabeça para baixo”, como são conhecidas algumas herbáceas do cerrado, que se caracterizam por suas raízes fincadas 15 metros terra adentro. Que abuso de profundidade! Imaginava elas como pessoas pequenas com pés grandes. Do lado esquerdo do meu corpo, tinha a mata. Mata de Oxossi e Oxum. Acima, um céu que brincava com nuvens cirrus finas, formando desenhos e cores no firmamento, com seus cristais de gelo.

Autor

Rodrigo Maciel Meloni é jornalista, contribui com a comunicação da Aliança Nacional LGBTQI e lançou seu primeiro livro, *Coitado do homem cujos desejos dependem*, pelo Arcada em 2018.

Arcada

2023

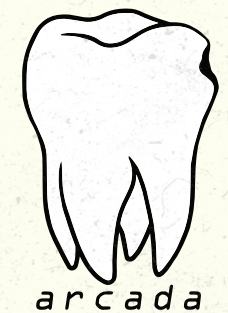


arcada

arcada é um bando literário nascido no mormaço de cuiabá. nossas coleções são pensadas e editadas em conjunto. nossas autopublicações, cozinhadas com carinho em fogo baixo.

@leiaarcada

leiaarcada.com.br



2023
literatura brocada